

Director e editor: MÁRIO IYSTER FRANCO

almada

que eu conheci...

Por M. L. F.

ALMADA 970



Das três principais figuras do movimento intelectual que teve em ORPHEU a sua expressão mais acentuada e que tanta influência exerceu na vida literária e artística do País, Almada Negreiros, agora falecido, pintor, desenhador, decorador e vitralista, crítico, ensaísta, poeta, romancista, dramaturgo, conferencista, bailarino, actor de cinema e outras coisas mais, tocado em muitas delas pela asa do génio, foi, sem dúvida, a mais realizada, a de mais viva audiência pública, a de maior projecção na esfera nacional.

Mário de Sá-Carneiro, a de mais perfeita abstracção e lírica presença, eliminava-se em Paris, apenas com 26 anos, ao tempo do simples encrestar da onda. Ainda existirá no cemitério de Pantin o singelo mausoleu de que já em 1921 se dizia encontrar-se votado ao abandono?

Fernando Pessoa, a de expressão mais nacional e épica, tomada a clássica «ginginha» às Portas de Santo Antão e a velha «bica» no Martinho da Arcada, passava facilmente despercebida e assim mesmo a si própria se procurava entre a multidão. Falecido em 1935, com 47 anos o Poeta vai ter agora a estátua como primeira homenagem pública, que o saudoso Carlos Queirós já pedia no terceiro aniversário do seu desaparecimento.

Com Almada tudo foi diferente. Sendo o elemento de mais vincada personalidade, de mais ampla exteriorização e de mais profunda expressão dramática; audacioso, irreverente, iconoclasta, enérgico e combativo; senhor de si, da sua argúcia e da sua introspecção, não era pessoa para eliminar-se à primeira contrariedade, nem para consentir que não dessem por ele, quando se tornava mister marcar presença. Almada foi sempre no Grupo a grande bandeira desfraldada. Falecido agora septuagenário, facto que só por si assinala mais prolongada intervenção, tendo principiado há anos a preocupar-se com Nuno Gonçalves e a permitir que lhe chamassem mestre, façamos-lhe a elementar justiça de acreditar que o grande revoltado, transigindo com o «Zip-Zip», nem mesmo com mais um toque, seria capaz de consentir na entrada para a Academia...

Filho de um jornalista e escritor que principiou a sua vida oficial como funcionário público em Monchique, seguiu depois para o Ultramar, escreveu um livro sobre São Tomé e morreu correspondente de vários jornais em Paris — cuidado, futuros biógrafos, que já começam a dizer dispa-

almada

que eu conheci...

(Continuação da 1.ª página)

tes, que são a este e não ao filho as referências do *Diário* de João Chagas — abro, para melhor evocação, os dois números do *Orpheu*, tiro da minha estante a *engomadeira* e o *K 4* — *O quadrado azul*, livros que, segundo a própria recomendação do autor, «devem ser lidos pelo menos duas vezes prós muito inteligentes e d'aqui pra baixo é sempre a dobrar», e folheio o *Portugal Futurista*, que o nosso Carlos Porfírio, fundou e dirigiu, tendo os escritos de Almada, *Saltimbancos*, *Mima-Fataxa* e *Ultimatum futurista às gerações portuguesas do Seculo XX*, principalmente o primeiro, provocado a apreensão policial.

Mas é sobretudo no célebre começo do Chiado Terrasse que estou neste momento a vê-lo, definindo, cabalisticamente, por A mais B, o conflito que então se debatia entre os novos e os velhos. Sala cheia, irrequieta e buiçosa. Na presidência Gualdino Gomes, tendo à ilharga Aquilino e um estudante de Coimbra. Falaram, além de Almada, José Pacheco, com e ou k, pois de ambas as formas estava certo; António Ferro, acusando Adães Bermudes de desconhecer os bailados russos; José d'Ezaguy, em lírico murmúrio; Raul Leal, com um estudo filosófico que a custo se salva dos bocejos da assistência; Leal da Câmara, proibindo a alturas tantas Almada de interrompê-lo; António de Monsanto, o nosso José Pereira Faísca, sempre nos bicos dos pés em todas as expressões mais redundantes; Mário Domingues, que vai ao palco sem despir um grande capote à alentejana, e Ferreira de Castro, recentemente regressado do Brasil, que, sem ser dos oradores oficiais da tarde, pediu a palavra e falou do balcão, vestindo um fato de uma incrível cor de verde-musgo... Almada falou entre os primeiros e veio à cena de boina. Pronuncia duas ou três frases em francês e tem, logo no início, uma referência ao nascimento de Jesus Cristo que provoca, pelo insólito e inesperado, gargalhada geral em toda a assistência. O orador fica impávido e imperturbável e leva à perplexidade e ao embatucamento geral comentando apenas, muito sério: «Nunca vi que o nascimento de Jesus Cristo fosse caso para alguém se rir!»...

São mais ou menos dessa mesma altura os excelentes artigos e os notáveis desenhos do «*Diário de Lisboa*»: *O Livro (Prefácio ilustrado pelo autor)*; *Charlie Chaplin*; *Um futurista dirige-se a uma senhora*, com um auto-retrato que é, talvez, dos primeiros vindos a público; *A Conferência N.º 1*; *O homem que não sabe escrever*; *O que*

se passou numa sala encarnada, e outros que é possível tenham escapado ao meu recorte acrisolado, e a conferência *A Invenção do Dia Claro*, realizada na Liga Naval e que marcou posição brilhante.

O que vem depois situa-se já fora da minha presença e do meu tempo, do tempo das minhas andanças estudantis.

É um segundo exílio, agora mais proveitoso e em Madrid; é o casamento com a pintora Sara Afonso, os arquitectos Gonçalo de Melo Breyner e Carlos Chambers Ramos servindo de padrinhos; é a luta insana, perseverante e firme até à consagração que se aproxima. Prémio de uma actividade extraordinária, multiplica os seus frescos, as suas tapeçarias e vitrais; faz atingir um dos seus quadros a cotação mais alta de toda a pintura portuguesa, acredita-o como uma das figuras mais notáveis de toda a nossa cultura.

Propunha-se agora «Começar»...

M. L. F.